

# De poeta para poeta: anotações de uma leitura despretensiosa para ‘Maluquete quer dançar’

**Izabel Brandão**

*Professora titular de literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. É também poeta.*

Tem muita coisa que poderia ser dita mas eu não vou me expressar, especificamente, em relação a nenhum dos poemas, e quero lhe dizer que o que eu mais gostei é o poema da página 33, que não lembro se ele tem nome, é um que fala sobre o grito:

*Guardar o grito para outra coisa.  
Guardar o grito nas folhas?  
Em tecido de algodão esticado?  
Guardar em todos os cílios, o grito  
lacrimoso não sairá.  
Apenas o grito servirá para —  
e mais e mais e mais,  
o grito que é olho que é dedo que é língua,  
o grito que é ouvido, também,  
mas não se ouve, pois se se se —, ele se grita —  
não,  
já disse: grito não se se se — grita nem chora.*

*Guardar o grito embaixo da pele da barriga,  
que cresce, que cresce, que cresce:  
o grito que, se, que, — chama a alguém, ou  
o grito que, se alguém chama, ele olha:*

*“Cuidado com a onda, Maluquete.”*

O que eu percebi é que essa questão do grito tem muito a ver com a artista, com a arquiteta, com a poeta, com coisas existenciais que querem vir à tona e nem sempre isso é possível, ou se é possível, qual é a melhor forma de isso acontecer? Esse foi o poema que mais me chamou a atenção e que eu mais gostei. Naturalmente, o conjunto dos poemas é bem interessante, e eu pensei o seguinte em relação a esses poemas como um todo. A impressão é que a construção dos poemas me deu foi de uma negociação encaminhada pelo 'Eu lírico' em crise existencial que precisa se encontrar consigo mesma, mas uma outra identidade interfere. Essa outra identidade é nomeada de 'Maluquete', um ser que pode ser visto como aquela figura que não é um 'trixter'. Não pode ser um trixter porque um trixter é da mesma linha de um Exu, e a sua Maluquete tem laivos de ingenuidade que nenhum Exu teria. O erê, a quem você dedica o livro, pode até ser trazido pela ingenuidade, pelas brincadeiras, pela necessidade de saber instintivamente do que acontece em todos os espaços. E a geometria, essa questão do espaço, vem, me parece, da Adélia Prado, na epígrafe que você traz de um poema, você traz versos de um poema sobre o fazer poético, o metapoema, no qual o poema tem vida e se coloca na roda dentada da vida. É um poema que eu gosto muito, inclusive.

E a geometria de Karina Luna é mais existencial do que qualquer outra coisa. Eu não percebi uma preocupação com a construção poética e sim com o existir de uma identidade outra no ser da poeta, que escreve, e cria esse 'Eu lírico' à sua semelhança, podendo ser confundido com ele, mas eu acho que isso importa muito pouco. Importa que a Maluquete tem existência própria e vive ao longo dos poemas que têm uma tessitura de história contada, com seus conflitos, crises, suas resoluções até o encontro final quando Ela passa a integrar o universo do sonho, deixando de existir fora do 'Eu lírico' da poeta. É como se ela fosse objeto de uma introjeção, ou uma injeção, algo muito maior, muito mais forte, uma assimilação e passa a existir como criatura do universo inconsciente.

Aliás, o mar é a imagem por excelência do inconsciente, e no livro a sua existência se mostra plena nas marés altas e baixas, nas conchinhas, nas areias rendadas, nas pessoas, na verdade, homens que aparecem aqui e ali, que passam, nos mergulhos, banhos e criaturas, e coisas, siris, escorpiões, estrelas, espelhos, enfim. E a persona poética, o seu duplo, a Maluquete, caminham, nadam, andam, conversam. O encontro entre essas duas criaturas mostra que a crise do ser pode ocorrer para a salvação da pele desse ser que não se conhece, quer se conhecer, quer se desnudar, e poder ser aquilo que é possível, e nem sempre o que é possível é aceito na sua

integralidade, muitas vezes precisa ser podado pra buscar um enquadramento difícil mas necessário do ser: não dá pra ser de verdade o tempo inteiro na sociedade.

O quer, afinal, a Maluquete de Karina Luna? O que quer, afinal, Karina Luna da sua Maluquete? A tônica final presente dos versos presentes no epílogo do livro utiliza o ardor, o amargor, o sabor do gengibre pra temperar a existência: se for comido sozinho, arde, se fora da comida, o amargor, mas se misturado na justa medida, a harmonia chega. É essa harmonia que a poeta busca em seu novo livro com a sua Maluquete.

Bom, eu espero que, pelo menos, eu tenha arranhado aí alguma coisa que você pensou. Não sei se é isso, mas foi o feeling que me chegou.

Tem um outro poema, também, que eu achei interessante. É um que você fala do mar como espelho do céu, não sei qual é a página, é o que você fala nos escorpiões e na tatuagem, que tem um escorpião tatuado. Na verdade, isso seriam as feridas do ser que são tatuagens marcadas pra sempre na pele, na pele do ser, na alma. Tem coisas muito interessantes na existência dessa Maluquete. Aí você me diz depois o que você achou e se você concorda, e não precisa concordar. Você escreveu o livro, vai publicar o livro, e aí os poemas deixam de ser seus e passa a ser de quem lê a sua história contada aí no seus versos.

*Entramos no mar.*

*Maluquete se dá conta de que o mar está de pé.*

*Como é fundo.*

*Eu acho... não!: eu vejo... escorpiões*

*nadando ao nosso redor.*

*Escorpiões ou estrelas?*

*Ah = estrelas no espelho do céu!*

*Maluquete vem e se agarra,*

*pendura-se, e diz que não dá pé —*

*mas é tarde, uma estrela caiu*

*e há no meu braço, já, um escorpião*

*tatuado.*

*Afinal, na nossa direção,  
uma água turvo-índigo, vinda do crepúsculo,  
rajada de partes ainda puras,  
como os azuis claros na henna indiana,  
como saias duplas  
de pedrarias turquesa —  
imensa e tortuosa, ali a meio-mar,  
cresce, a nossa imaginação.*